



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Zelensky é expulso por Trump da Casa Branca

Num encontro desastroso, os presidentes dos EUA e da Ucrânia protagonizam um bate-boca no Salão Oval, com provocações, ameaças e dedo em riste. "Ele pode voltar quando estiver preparado para a paz", disse o republicano

Foi uma situação nunca antes testemunhada publicamente no Salão Oval da Casa Branca. Depois de um começo tenso, o encontro entre os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, teve um desfecho desastroso, com discussão, provocações, ameaças e dedo em riste. Não houve a aguardada assinatura do acordo de exploração dos recursos minerais ucraniano pelos EUA. Tampouco a tradicional entrevista coletiva dos dois líderes. O convidado saiu da Casa Branca antes da hora — foi expulso pelo anfitrião, segundo a mídia norte-americana.

"(Zelensky) faltou com o respeito aos Estados Unidos em seu estimado Salão Oval. Ele pode voltar quando estiver preparado para a paz", postou o presidente dos Estados Unidos em sua rede social, a Truth Social, após o encontro. "Obrigado América, obrigado pelo seu apoio, obrigado por essa visita. Obrigado @POTUS (perfil do presidente dos EUA), Congresso e povo americano. A Ucrânia precisa de uma paz justa e duradoura, e estamos trabalhando exatamente para isso", publicou Zelensky, na rede X. Durante a reunião, o ucraniano foi cobrado pelo vice de Trump, JD Vance, a ser grato pela ajuda recebida de Washington.

Trump recebeu Zelensky na porta da Casa Branca, com um aperto de mãos e um comentário sobre a roupa do visitante, que, como de costume, trajava calça e camiseta pretas, uma vestimenta de inspiração militar. "Olhem, ele está todo arrumado!", disse o republicano — se estava sendo irônico, é incerto.

Você disse que chega de guerra. Acho que é muito importante dizer essas palavras a (Vladimir) Putin logo no início, no início da guerra, porque ele é um assassino e terrorista"

Volodymyr Zelensky,
presidente da Ucrânia

Concessões

Diante das câmeras, que transmitiam ao vivo a reunião no Salão Oval, o chefe da Casa instou a Ucrânia a aceitar "concessões". Zelensky pediu para não ceder ao presidente russo e mostrou fotos da guerra iniciada há três anos, após a invasão russa ao seu país. "Conto realmente com a sua forte posição para deter Putin. Você disse que basta de guerra. Acho que é muito importante dizer essas palavras a Putin logo no início, no início da guerra, porque ele é um assassino e terrorista", afirmou Zelensky, acrescentando: "Espero que juntos possamos detê-lo."

Em seguida, o tom da conversa mudou. O vice-presidente interveio, defendendo a "diplomacia". Zelensky expressou seu desacordo



Você está jogando com as vidas de milhões, você está jogando com a Terceira Guerra Mundial. E o que você está fazendo é muito desrespeitoso com este país"

Donald Trump,
presidente dos EUA

e argumentou que Putin, após anexar a Crimeia em 2014, nunca cumpriu a palavra sobre a Ucrânia. O comentário enfureceu JD Vance, que acusou o ucraniano de ser "desrespeitoso" e o criticou por forçar "os recrutas" a lutar na linha de frente.

"Você já esteve na Ucrânia alguma vez?", indagou Zelensky. Vance, então, considerou se tratar de um convite para uma visita "propagandística". Ao tentar se defender, o ucraniano disse que os EUA acabariam sentindo os efeitos da guerra, embora um oceano os separe da Europa. Foi nesse momento que Trump entrou no debate. "Não nos diga o que vamos sentir", protestou, fazendo gestos e levantando a voz. "Você está se colocando em

uma posição muito ruim. Você não tem as cartas", frisou Trump. "Você está apostando com as vidas de milhões, você está jogando com a Terceira Guerra Mundial. E o que você está fazendo é muito desrespeitoso com este país."

A discussão continuou, diante dos olhares dos jornalistas. "Você sequer agradeceu?", cobrou o vice-presidente, em referência ao apoio norte-americano. Quando Trump disse a ele que, sem a ajuda militar dos EUA, a guerra terminaria "em duas semanas", o presidente ucraniano, exasperado, respondeu: "Em três dias. Isso é o que eu ouvi de Putin".

O presidente dos EUA deu, então, a estocada final ameaçando o convidado: "O seu povo é muito

corajoso, mas ou vocês alcançam um acordo ou estamos fora".

O republicano repetiu que confia no presidente russo, apesar das repetidas advertências de Londres e Paris sobre a fragilidade de qualquer trégua que não seja acompanhada de um mecanismo sólido de controle e segurança garantido por Washington. Trump se recusa a considerar Moscou responsável pela guerra e fechou completamente a porta para uma possível adesão da Ucrânia à Otan.

O desenlace foi um balde de água fria nas tratativas diplomáticas das últimas semanas para um cessar-fogo entre Moscou e Kiev. Depois da aproximação entre Trump e o presidente da Rússia, Vladimir Putin, líderes europeus correram a Washington

parapavimentar um canal com Zelensky. Após o encontro, em uma declaração conjunta, Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, e António Costa, presidente do Conselho Europeu, garantiram a Zelensky que "ele não está sozinho".

Após a reunião, o líder da minoria democrata no Senado americano, Chuck Schumer, os acusou de fazer o "trabalho sujo" de Putin. Enquanto isso, a Rússia celebrou.

"Histórico", considerou Kirill Dmitriev, gestor do Fundo Russo de Investimento Direto e um dos negociadores russos nas conversas russo-americanas de 18 de fevereiro na Arábia Saudita. "Como Trump e Vance se contiveram e não deram um tapa nesse canalha é um milagre da moderação", escreveu a porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, no Telegram.

SAÚDE DO PAPA

Francisco sofre nova crise respiratória

Depois de três dias de melhora contínua, o papa Francisco sofreu, ontem à tarde, uma crise isolada de broncoespasmo, informou o Vaticano, afastando a possibilidade de uma recuperação rápida. Segundo o comunicado, o espasmo resultou em um episódio de vômito com aspiração e um repentino agravamento do quadro respiratório, que teria sido revertido com sucesso.

"O Santo Padre foi prontamente submetido a uma broncoaspiração e iniciou a ventilação mecânica não invasiva, com uma boa resposta nas trocas gasosas. Ele permaneceu sempre vigilante e orientado, colaborando com as manobras terapêuticas", assinalou o informe divulgado pela Santa Sé.

Segundo uma fonte do Vaticano, "os médicos precisam de 24 a

48 horas para avaliar o impacto dessa crise". Francisco completou, ontem, duas semanas de internação no Hospital Gemelli de Roma. Apesar do ocorrido, o jesuíta, de 88 anos, estava "de bom humor", disse o interlocutor da Igreja Católica.

Antes da crise, outra fonte da Santa Sé destacou que Francisco havia saído do estado "crítico", embora seu quadro clínico ainda fosse "complexo". O boletim

médico noturno rompeu com a tendência dos informes publicados nos últimos dias. "O prognóstico segue sendo reservado", informou o comunicado.

Desde que deu entrada no hospital, inicialmente para tratar de uma bronquite que evoluiu para uma pneumonia bilateral, Jorge Bergoglio, que recentemente descartou a ideia de renunciar, tem recebido mensagens de

apoio de todo o mundo. Na noite de quinta-feira, luzes foram lançadas sobre a estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, junto com a mensagem "Força, Santo Padre!" em vários idiomas.

Em paralelo à maratona de orações na Praça de São Pedro, que ontem foram conduzidas pelo cardeal argentino Víctor Manuel Fernández, o papa, mesmo internado, conseguiu retomar

parcialmente seu trabalho no início da semana. Francisco autorizou duas canonizações e convocou uma reunião de cardeais, em data a ser definida.

No entanto, ao contrário de sua hospitalização em julho de 2021, quando pronunciou o tradicional Angelus da janela de sua suíte no 10º andar do Gemelli, o pontífice ainda não fez nenhuma aparição pública.

Conexão diplomática



por **Silvío Queiroz**
silvioqueiroz.df@gmail.com

Enredo esboçado para o pós-folia

O Brasil embarca no transe anual do carnaval com agenda pronta para a frente externa a partir da quarta-feira. Enquanto as escolas de samba esquentavam as baterias e os foliões davam retoques finais à fantasia, um triângulo nada amoroso se estabeleceu entre o Supremo Tribunal Federal, a oposição de direita no Congresso e o governo de Donald Trump. Apanhado no meio, o Itamaraty segue calibrando o tom para as relações com os EUA nos próximos dois anos de Lula no Planalto.

A semana que termina foi pontuada por lances seguidos em que os vértices do triângulo trataram de testar a disposição dos antagonistas e colocar cartas na mesa. Em Washington, em meio a

uma escalada de críticas a decisões do STF consideradas restritivas às redes sociais, a questão chegou ao Congresso. Uma comissão da Câmara aprovou projeto que, se ratificado em plenário, permitiria impedir a entrada no país do ministro Alexandre de Moraes.

Partiram dele próprio e do presidente do Supremo, Luís Roberto Barroso, as reações mais contundentes. Elas se estenderam também a manifestações de congressistas norte-americanos e setores do governo sobre ações movidas contra Moraes na Justiça dos EUA por empresas que se julgam censuradas — uma delas pertencente a Trump. Em particular, uma declaração do Departamento de Estado motivou nota em que

o Itamaraty ratifica o teor das respostas dos ministros, mas com a própria escolha de termos e tonalidades.

Nomes e bois

O texto costurado pela diplomacia profissional usa expressões como "rejeita firmemente" e aponta "tentativa de politizar decisões judiciais". Acusa a contraparte norte-americana de "distorcer o sentido das decisões do Supremo". Sem recorrer à palavra "soberania", defende a necessidade de "assegurar a aplicação, no território nacional, da legislação brasileira pertinente".

Ainda assim, embora sem citar nomes, a nota não deixa de fazer as conexões políticas entre o governo Trump e o entorno

do ex-presidente Jair Bolsonaro. Refere-se aos atos que culminaram no 8 de janeiro de 2023, sem mencionar a data, como "orquestração antidemocrática" contra "o Estado brasileiro e as instituições republicanas", baseada na "desinformação em massa, divulgada em mídias sociais". E lembra a denúncia formalizada ao STF contra Bolsonaro e mais 33 acusados por tentativa de golpe de Estado — omitindo menção direta à ação da PGR ou aos seus alvos.

Toma lá, dá cá

Os últimos lances, em Washington e em Brasília, foram suficientes para que o imbróglio desembarcasse no Legislativo também por aqui. Pela direita, a bancada do Novo apresentou na Comissão de Relações Exteriores da Câmara um requerimento para convocar o chanceler Mauro Vieira a

dar explicações sobre a nota de crítica ao Departamento de Estado. À parte o teor do texto, os deputados questionam a consulta informal feita pelo Itamaraty a Alexandre de Moraes antes da publicação.

Paralelamente, o Solidariedade, que segue na base governista, embora reticente aos movimentos na Esplanada e receoso da queda na aprovação de Lula, protocolou um projeto de lei destinado a barrar a entrada no Brasil de autoridades estrangeiras que adotem medidas para tolher a ação de autoridades brasileiras no exercício de suas funções.

Conscientemente ou não, os autores da proposta invocam no Congresso um princípio familiar à linguagem da diplomacia, o da reciprocidade. No caso, como reação à iniciativa que tramita no Capitólio e tem como alvo potencial o ministro do Supremo.